



# HU debate ponto eletrônico

**FERNANDA DA ESCÓSSIA**

fernanda@dufrj.org.br

A direção do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (HUCFF) está discutindo com sua equipe um tema polêmico, mas necessário: a implementação do ponto eletrônico, com o controle dos crachás feito por meio de catracas nas portarias. A ideia está em análise, e o prazo de execução ainda não foi definido.

O HUCFF é referência no atendimento de alta complexidade e na formação de uma elite da medicina brasileira. Sofre com a estrutura gigante e engessada, a falta de pessoal e os salários desiguais. Cem médicos ganham mais que o reitor, mostrou a Revista da Adufrj em setembro de 2017. Os relatos de ausência de profissionais são frequentes. O HUCFF está sob intervenção da reitoria desde novembro.

O ponto eletrônico não foi iniciativa do hospital ou da UFRJ. Obedece a uma determinação do Tribunal de Contas da União (TCU) expressa no acórdão 2729, de dezembro de 2017. O acórdão expõe o resultado de auditoria realizada pelo TCU na UFRJ, na Fundação Universidade de Brasília (FUB) e nos respectivos hospitais universitários. Aponta irregularidades na frequência de professores e técnicos e, no HUCFF, cobra controle mais rígido. Pelo

acórdão, as universidades terão de divulgar atividades de ensino, pesquisa e extensão de professores, com normas para avaliar o cumprimento da jornada de trabalho.

O diretor do HUCFF, Leôncio Feitosa, fez reuniões com a equipe para tratar do ponto. Em substituição à proposta de controle biométrico (pelas digitais), a ideia é usar catracas. Hoje o ponto é manual, com folhas assinadas e fiscalizadas pelos diretores de divisão. Feitosa afirmou que a mudança busca atender ao TCU respeitando a autonomia da universidade.

“Em cada ponto de acesso, definido por uma equipe de *expertise* na área, serão instaladas catracas que reconhecerão os crachás de identificação. Um sistema de informática produzirá

KELVIN MELO



**PONTO ELETRÔNICO**  
em hospital universitário  
de Cuiabá

dois relatórios: um registrará a entrada e saída dos trabalhadores, e o outro registrará a entrada e saída dos demais”, esclareceu. Feitosa afirmou ainda que, “em alerta de que a simples presença pode não ser o bastante para o aumento da produtividade”, as metas de serviço serão atualizadas. “Nossa responsabilidade é que não haja absenteísmo”, afirmou.

O diretor da divisão médica do HU, Marcos Freire, admite a preocupação dos colegas, pois há regimes de trabalho variados. “Quem entra em cirurgia não tem hora para sair”, afirmou. Na avaliação de Freire, médico do hospital e professor da Faculdade de Medicina, é preciso regras claras: “Não podemos ter regra homogênea com essa variedade de profissionais”. Destaca que, num hospital universitário, muitos profissionais acompanham alunos, e isso tem de contar como trabalho.

Na enfermagem, são 30 horas semanais e não 40, reivindicação da categoria atendida na UFRJ desde 2011. A carga mensal é de 120 horas, ou dez plantões de 12 horas. O diretor da Divisão de Enfermagem, Tony Figueiredo, elogiou a transparência na discussão do ponto, mas alertou para a necessidade de considerar como trabalho atividades de ensino. Neuzia Luzia, coordenadora do Sintufrj, diz que o debate deve ir além do TCU: “Somos contra ponto eletrônico. Queremos debater nossa profissão”.

# REITOR PRECISA TER CORAGEM”

ANA BEATRIZ MAGNO E KELVIN MELO  
comunica@adufjrj.org.br

Em 116 minutos de entrevista, o reitor da maior universidade federal do Brasil falou sobre as alegrias e tormentos de três anos de mandato. Avisou que só haverá eleição no hospital universitário depois que as rotinas de trabalho forem repactuadas, relativizou sua posição sobre cursos pagos e prometeu começar o processo de reabertura do Canecão. “Não vai mais se chamar assim”, contou o professor titular da Faculdade de Educação, que chegou aos 54 anos na reitoria sem nenhuma experiência administrativa. “Nunca dirigi um instituto. Nunca fui diretor. Muita gente não votou porque não me conhecia direito. Eu era mais conhecido pela trajetória no movimento docente da qual eu me orgulho. Aqui estou aprendendo muito”, compara o ex-presidente do Andes e da Adufrj.

“É muito mais difícil ser reitor que sindicalista”. Às vésperas de convocar um congresso universitário, Roberto Leher diz que ainda não sabe se será candidato à reeleição, mas admite que seus planos não cabem em 12 meses. “Eu posso continuar fazendo muito coisa como professor”, desconfessa, num dos raros momentos em que não olhou nos olhos dos entrevistadores. Sem fugir de nenhuma das questões, e insistindo em se definir como um gestor de esquerda, o docente tratou de política, eleições presidenciais, autonomia universitária e, com ênfase, se inseriu numa linhagem da UFRJ. “Pertencço a uma linhagem de reitores que têm uma visão de mundo que está assentada historicamente na esquerda. Essa linhagem inclui Horácio Macedo e Aloísio Teixeira. E isso fala muito sobre a UFRJ”

A seguir, trechos da entrevista

## É bom ser reitor?

É muito bom falar em nome de uma universidade tão pulsante, respeitada e que tem contribuições relevantes para o país. Isso me deixa muito orgulhoso. Em qualquer fórum, mesmo os que não defendem a universidade pública, falar em nome da UFRJ faz muita diferença. Isto motiva, enche de expectativas de futuro.

## E o que é ruim?

O mais duro é perceber que o projeto de mudança social em curso nas universidades está muito ameaçado. Isso é o que mais me angustia. Lidar com a pequena política, usando a expressão do Gramsci, e conversar com o aparato burocrático do Estado para liberar recursos orçamentários também incomoda muito. Estamos falando de um lugar protegido pela Constituição, com a prerrogativa da autonomia universitária. Um reitor é uma alta autoridade do Estado. Em vários países, o status dos reitores é muito acima dos ministros. São pessoas escolhidas por suas comunidades, e representam uma instituição muito estratégica.

## MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

### Como é a relação com o MEC?

Nenhuma ofício é respondido. A tentativa de liberação de recursos se dá por reuniões das quais não se tem o registro, nem atas...

### A maior universidade federal do país manda ofício e o MEC não responde?

De nenhuma universidade. Nenhuma das 63 recebe resposta formal de temas orçamentários. Não há o compromisso formal que se daria numa democracia liberal republicana, no sentido clássico da palavra. Isto, de fato, não está estabelecido no Estado brasileiro hoje.

## ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS

O que acha que ocorrerá em 3 de outubro? É a pergunta mais difícil. Seguramente, teremos a continuidade da crise. Não há nenhuma força social comprometida com um projeto de nação democrático de igualdade social...

### Nem Boulos, Manuela, Lula?

Os candidatos das organizações de esquerda,

por tudo que aconteceu e está acontecendo, muito dificilmente ganharão. O candidato que teria força para ganhar é Lula. Mas todas as evidências indicam que não será candidato.

### Qual o pior cenário para as universidades?

O pior cenário, desastroso, trágico, é Bolsonaro. Não é provável, mas é possível. Provável é o nome de centro-direita melhor posicionado.

### E o Ciro?

Ciro precisa dar uma sinalização mais precisa do que seria sua agenda. Ele teve uma relação muito conflituosa com as universidades estaduais. Ciro tem origem na Arena. Ninguém foi da Arena por acaso.

## OPOSIÇÃO

O senhor dialoga com sua oposição na universidade? O senhor tem oposição? Há concepções de universidade diferentes, mas não sinto movimentos de oposição. Ao contrário. Tenho percebido uma responsabilidade institucional muito grande. Construímos

processos de debate com todos os setores, independentemente do voto deles.

## SINDICALISMO

### É mais difícil ser reitor ou sindicalista?

Hoje é muito mais difícil ser reitor. Temos que dar respostas práticas e imediatas para problemas candentes, como estudantes sem bolsas, prédios inacabados. Fui presidente do Andes na época do *Jurassic Park* (risos), em 2000 a 2002, num contexto de ascensão de lutas. Nossas assembleias eram lotadas. Hoje é uma pressão muito grande, num momento em que temos um carecimento enorme.

## SEGURANÇA

### Relatos de crimes no campus têm aumentado muito... O que a reitoria está fazendo?

A situação é muito grave. Estamos apostando no Proeis (Programa Estadual de Integração na Segurança). Entre maio e junho, teremos a conclusão do processo. Também já há aumento de efetivo. Não que tenha tido uma mudança qualitativa, mas aumentou o efetivo.

### Por que não controlar o acesso aos estacionamentos como em outras universidades?

Os últimos casos que tivemos os bandidos estavam tão fortemente armados que a segurança patrimonial poderia aumentar o risco. Tem que ser restrição policial.

### Professor, há casos dramáticos de sequestros dentro dos estacionamentos...

A situação é de barbárie. Vivemos sofrimentos enormes. Sequestro-relâmpago é uma experiência brutal. Nunca fui sequestrado, mas não tenho dúvida de que é. Estar num carro com pessoas com fuzis automáticos ameaçando te matar é uma situação de terror. Se não houvesse ação deliberada da universidade junto à Secretaria de Segurança, seria pior. No contexto do Rio, estamos numa situação muito privilegiada, mas em nenhuma hipótese aceitável.

## CANECÃO

Na sua gestão, o Canecão vai ser reaberto? Na minha gestão, vamos dar um encaminhamento objetivo para a solução do problema. É muito difícil. A legislação de zoneamento urbano do Rio não permite a existência de um Canecão. Estamos trabalhando com a Câmara dos Vereadores para fazer a alteração... O zoneamento não permite nenhuma atividade de espetáculo, show, teatro, naquela área.

### Como então o Canecão funcionava antes?

Como funciona muita coisa. Como funcionava a boate Kiss? Aquilo ali (o Canecão) é uma boate Kiss. Se pegar fogo ali... Temos estudos téc-



## Há concepções de universidade diferentes, mas não sinto movimentos de oposição”

nicos que provam isso. Tem que ser outra coisa. Queremos fazer um centro cultural da UFRJ. Temos já desenhos sobre isso. Esse espaço cultural vai exigir uma forma de uso econômico.

### Cobrar ingresso?

Não cobrar ingresso apenas. Precisamos de dinheiro de investimento. Tem que ter algum tipo de cessão da área. A complexidade é que não queremos que o espaço cultural seja compartilhado com o capitalista. Queremos que o espaço cultural seja da UFRJ.

### Professor, é muito projeto para um último ano de mandato....

Não vamos concluir a construção no meu mandato. Mas acreditamos que, aprovado pelo Conselho Universitário, isso vai ficar como um patrimônio para o futuro da UFRJ.

## PATRIMÔNIO

### Há desvalorização do patrimônio da UFRJ por problemas de manutenção?

Se você entrar no CCS e em vários lugares da UFRJ, você vai encontrar a fiação original. Como pode? Nunca houve reforma. Eu coloco muito esse tema na Andifes. No orçamento, tem que ter uma rubrica da depreciação do patrimônio. Nunca foi feita reforma estrutural em prédio algum desta instituição.

## HOSPITAL UNIVERSITÁRIO

### Quando acaba a intervenção no hospital? Quando haverá eleição?

Só haverá processo eleitoral quando gargalos de funcionamento forem equacionados. Primeiro, concluir o dimensionamento de pessoal.

É um trabalho muito difícil. Segundo, reequacionar o funcionamento dos fluxos internos: setor de compras, setor de almoxarifado...

### O ex-diretor ficou três anos e não fez isso?

Não é necessário fazer considerações específicas sobre este processo, mas tivemos de fazer uma intervenção. O hospital frequentemente parava porque não tinha soro fisiológico, não tinha luva. O hospital tem orçamento do Fundo Nacional de Saúde, da UFRJ, de R\$ 90 milhões. Não estou dizendo que é suficiente. Mas não pode faltar luva, soro, analgésico.

### E a questão de pessoal? Há denúncias de profissionais que descumprem a jornada...

Tem que haver repactuação geral das relações de trabalho, uma exigência ética, muito mais do que do Tribunal de Contas, que também está nos exigindo o controle. E, nesse caso, nós não temos divergência em relação ao TCU de que o planejamento da força de trabalho tem que se dar de tal maneira que as pessoas cumpram com os seus contratos de trabalho, respeitando o dinamismo que tem na universidade.

## CONHECIMENTO

### O que o senhor não conhecia da UFRJ e que passou a conhecer?

Eu não conhecia o cotidiano do campo das tecnologias. Eu conhecia o debate academicamente, mas pude conhecer os detalhes... Pude conhecer melhor o Parque Tecnológico, o hospital... É muito emocionante, impactante, a experiência de ser reitor e ver a relevância da nossa instituição, com valores da esquerda.

### O que é produção de conhecimento de esquerda em tecnologia e biociências?

Com horizontes compartilhados pela esquerda. Por exemplo, pesquisadores que trabalham a ultraestrutura do vírus. Você dificilmente vai encontrar essa pessoa comentando um assunto “clássico” da esquerda: da igualdade social etc. Mas estas pessoas, quando aconteceram os episódios recorrentes da zika, mergulharam no trabalho científico para responder a um enigma: existe ou não relação entre o vírus da zika e a microcefalia? Isso é um compromisso social dentro da perspectiva da esquerda. Numa visão de mundo da esquerda. Muitas vezes, não percebemos quando estamos fora da reitoria.

## PARQUE TECNOLÓGICO

### Seu grupo político tinha uma visão crítica sobre Parque Tecnológico...

Nunca critiquei a existência do Parque. Sempre defendi a participação da universidade com a pesquisa e desenvolvimento. Um projeto social de esquerda tem que responder a problemas

de energia, cidades, transporte, esgoto. Não tenho uma visão romântica de que vamos viver o mundo do bom selvagem. Interação com o setor produtivo é função da universidade. Vejo com preocupação a tentativa de transformar a universidade num lócus de pesquisa como se fosse um departamento da empresa. Não pode.

## CURSOS PAGOS

### O senhor é a favor dos cursos pagos?

Sou contra.

### O senhor é contra uma empresa inscrever empregados em um curso proposto pela universidade, e remunerar docentes e técnicos envolvidos com a oferta deste curso?

A universidade tem que oferecer esse curso. Assim como temos que oferecer cursos para secretarias de Educação e Saúde. E sermos remunerados por isso. É importante interagir seja com a Volkswagen, o mercado financeiro, a Saúde. E que o setor que está adquirindo o curso remunere a universidade.

### Pensávamos que o senhor fosse contra...

Sou contra, quando tem fins não acadêmicos. Por exemplo, um curso com objetivo apenas como estratégia para captação de recursos, não seria bom para a universidade. Tem que separar o que é pertinente.

### Quem diz o que é pertinente, professor?

Sempre a unidade acadêmica. Isso é um valor pra mim. A reitoria não define conteúdo para nenhum projeto.

## AUTONOMIA

### O que dá para um reitor fazer no contexto em que praticamente não há autonomia?

Por mais que o governo retire prerrogativas de autonomia, a universidade tem práticas que são silenciosamente transgressoras. É isso que faz a UFRJ a UFRJ, que faz a USP a USP, que faz a UnB a UnB... A pesquisa foi institucionalizada no país no tempo da ditadura. A universidade foi aprendendo a trabalhar por vias misteriosas. Nas entrelinhas, nos interstícios. Esse aprendizado vai passando de geração em geração. Por mais restrições que existam, o professor em sala de aula é completamente livre.

### E o Escola Sem Partido e os vetos aos cursos sobre o golpe?

Pode ter o Escola sem Partido, podem existir essas iniciativas, mas é seguro que os professores, técnicos e estudantes perseguem a autonomia. Temos que perseverar na busca de um conhecimento epistemologicamente relevante. Isto é uma pulsão da universidade.

### Mas para isso não precisa ser reitor...

Precisa ser reitor, não o Roberto Leher, mas precisamos de reitores que assumam uma postura de coragem. Se o reitor não se posiciona diante de assuntos que afetam a autonomia, se tem medo de retaliação, isto é uma mensagem errada para a comunidade universitária.



## Os últimos casos que tivemos os bandidos estavam tão fortemente armados que a segurança patrimonial poderia aumentar o risco. Tem que ser restrição policial”

### A autonomia do reitor é discursiva?

Não só discursiva. Porque é possível traduzir isso em práticas. Por exemplo, os recursos para assistência estudantil são, fundamentalmente, do Plano Nacional de Assistência Estudantil. Mas nós aplicamos o dobro. É uma decisão dentro de todas as restrições... É um ato administrativo, mas é um ato político.

## ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL

### O momento de penúria de recursos das universidades é nacional...

Mas, no Rio, temos especificidades. Numa cidade menor, é possível montar repúblicas de baixo custo... O Rio é a cidade mais cara do país. Isso dificulta a vida dos estudantes que são da classe trabalhadora mais explorada. Me angustia trabalhar uma assistência estudantil em que grande parte dos estudantes têm renda per ca-

pita familiar de R\$ 320. É muita pauperização.

### Antes não era pior? Não é pior ter uma universidade sem alunos pobres?

Claro. Temos a responsabilidade de lidar com as primeiras gerações da classe trabalhadora que estão na universidade. Um quarto dos estudantes vem de fora do Rio.

## OBRAS

### A UFRJ está cheia de obras paradas.

#### Isso não é incomoda?

Sem dúvida. Elas não começaram na minha gestão. O planejamento da infraestrutura foi incompleto na época do Reuni. Num certo sentido, tinha como pressuposto a permanência de governos que apoiariam a expansão da universidade. O Reuni sinalizava que as verbas iam de 2007 a 2012.

### O que será feito com esses esqueletos?

Logo que assumimos, fizemos o levantamento de cada obra. Discutimos com o MEC um plano de dois ou três anos para cobrir esse passivo. Infelizmente, o plano não encontrou suporte. Nunca foi apoiado pelo ministério.

### Quais obras serão concluídas?

A Física, o alojamento baixinho do Fundão... A UFRJ está há mais de 15 anos para fazer aquele prédio da Física. Agora, está em fase final. Fechamos a empena do hospital, temos feito as subestações de energia do CT, do CCS. Vamos concluir a mudança para o polo de Caxias, em Santa Cruz da Serra.

## ESTATUINTE

### E o Congresso Universitário?

Será este ano. Queremos fazer separado do processo de sucessão da universidade. Nossa expectativa é que o Congresso seja um momento de livre autorreflexão da universidade

### Ele terá função de Estatuinte?

Não. O Congresso é um acúmulo de reflexões. Delas, podem surgir, no futuro, mudanças estatutárias.

## ELEIÇÕES PARA REITOR

### O senhor é candidato à reeleição?

É um debate que não fizemos na equipe. Primeiro, porque nós entendemos que uma antecipação desse debate não atende aos interesses da UFRJ no contexto em que estamos vivendo.

### O senhor gostaria de ser reitor de novo?

Eu gosto do trabalho de ser reitor, conforme lhe disse. Entendo que o trabalho é muito importante para a sociedade brasileira. Mas isso não é um projeto de vida. Sou professor.

**VOTAÇÃO NO RIO** eleição teve maior participação nos últimos anos, mas ainda mostra desmobilização da categoria: só um em cada quatro professores se animou a votar

LARISSA CAETANO



## ELEIÇÃO DO ANDES

# Chapa 1 vence, mas oposição mostra força

FERNANDA DA ESCÓSSIA E KELVIN MELO  
comunica@adufjrj.org.br

Uma eleição marcada pela votação expressiva da oposição depois de 14 anos de pleitos com chapa única, a chapa 1, da situação, venceu a disputa pelo comando do Andes. A chapa Andes Autônomo e de Luta, presidida por Antonio Gonçalves Filho, teve 51,71% dos votos, e a chapa 2, Renova Andes, da oposição, presidida por Celi Taffarel, teve 42,73%. Houve 2,85% de votos em branco e 2,72% de votos nulos. Considerados apenas votos válidos, a chapa 1 teve 54,76%, contra 45,24% da chapa 2.

A eleição teve a maior participação dos últimos anos: 16.887 votantes, ou seja, 24,42% dos 69.152 docentes aptos a votar compareceram às urnas. É uma participação baixa em relação ao conjunto da categoria, mas muito superior à verificada nas eleições de 2016 (só 16,03% de comparecimento), 2014 (13,76%), 2012 (16,86%) e 2010 (16,48%). A chapa 1 venceu nas regionais Norte I e II, Nordeste I e III, Pantanal, Rio de Janeiro e Sul. A chapa 2 teve mais votos nas regionais Nordeste II, Planalto, Leste, São Paulo e Rio Grande do Sul. Na UFRJ, a chapa 1 venceu com 54,4% do total de votos.

Gonçalves Filho tomará posse durante o

63º Conad, que começa dia 28 de junho, em Fortaleza. O mandato vai até 2020. Segundo ele, sua gestão terá foco em dois eixos: tentar reverter as reformas do governo Temer e lutar pela recomposição dos salários dos professores diante de seguidas perdas. Gonçalves Filho disse que o resultado das urnas fortalece a posição do Andes de não se envolver nas eleições, pois, em sua avaliação, os docentes não querem o sindicato como aparelho de partidos ou governos. “Não vamos defender candidaturas. Vamos apresentar uma pauta de reivindicações”, afirmou, acrescentando que é preciso defender a autonomia universitária. “A universidade está sob ataque”, diz.

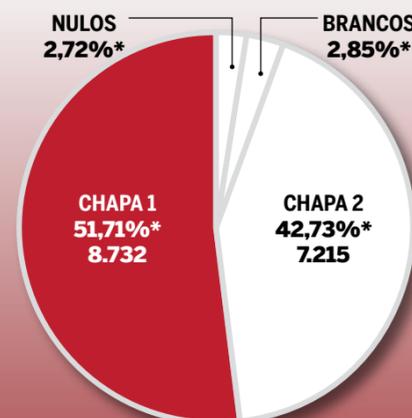
Candidata a presidente na chapa 2, Celi Taffarel disse que a campanha pode ser considerada vitoriosa tanto pela maior participação dos professores como pela votação expressiva, com vitórias em São Paulo e no Rio Grande do Sul. Segundo ela, a oposição continuará debatendo com a nova diretoria a defesa da democracia, a libertação do ex-presidente Lula e seu direito de disputar o Planalto.

## APURAÇÃO NAS MAIORES UNIVERSIDADES

UNIVERSIDADES	APTOS	VOTANTES		CHAPA 1		CHAPA 2		BRANCOS	NULOS
		Votos	%	Votos	%	Votos	%		
Federal do Pará	1.381	365	26,43	258	70,68	98	26,85	2	7
Federal do Piauí	2.002	524	26,17	211	40,27	301	57,44	2	10
Federal do Ceará	4.054	245	6,04	214	87,35	27	11,02	1	3
Federal da Paraíba	2.258	554	24,53	130	23,47	403	72,74	1	20
Federal de Pernambuco	2.080	492	23,65	154	31,30	308	62,60	4	26
Federal de Alagoas	1.536	258	16,80	71	27,52	179	69,38	1	7
Federal de Sergipe	1.418	307	21,65	202	65,80	98	31,92	3	4
Universidade de Brasília	2.333	442	18,95	96	21,72	331	74,89	7	8
UFRJ	3.481	542	15,57	295	54,43	232	42,80	5	10
UFF	2.506	660	26,34	435	65,91	205	31,06	4	16
USP	2.780	403	14,50	193	47,89	169	41,94	17	24
Unicamp	2.231	999	44,78	202	20,22	427	42,74	231	139
Federal do Paraná	3.039	375	12,34	228	60,80	133	35,47	5	9
Uerj	1.830	309	16,89	209	67,64	90	29,13	3	7

## VOTAÇÃO NACIONAL

De 69.152 eleitores aptos a votar em todo o país, 16.887 foram às urnas, ou seja, 24,42% – apenas um em cada quatro professores votou



\*Percentuais calculados em relação ao número de votantes

# Cientistas defendem Faperj

**Pesquisadores aprovam nota em defesa da permanência de Jerson Lima Silva e Eliete Bouskela em postos estratégicos da Faperj**

ELISA MONTEIRO  
elisamonteiro@dufjrj.org.br

O mais recente episódio da crise da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Rio (Faperj) é a disputa por dois cargos estratégicos: a direção Científica e a de Tecnologia. Sob pretexto de que os mandatos expiraram, o presidente interino Gabriell Neves e seu diretor administrativo passaram a acumular os cargos. As funções eram exercidas pelos professores Jerson Lima Silva, da UFRJ, e Eliete Bouskela, da Uerj.

A notícia indignou a comunidade científica. “Vivemos uma crise política e econômica. Não precisamos de uma crise institucional artificial”, avaliou a vice-presidente da Adufjrj, Ligia Bahia, em reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência e da Academia Brasileira de Ciências na Casa da Ciência da UFRJ, na quarta-feira, 16. A reunião aprovou nota em defesa da permanência dos atuais diretores. Reitores das universidades e institutos federais e dirigentes de outras instituições de pesquisa do Rio de Janeiro publicaram, no mesmo dia, manifesto com o mesmo conteúdo.

O argumento do governo é jurídico. “Após entendimento junto ao procurador do Estado, chefe da assessoria jurídica, foi concluído não ser legalmente previsto, ao presidente da Faperj, prorrogar o mandato dos diretores”, afirma nota pública do interino. Mas integrantes da comunidade científica avaliam que a questão é política. “Em um ano, a Faperj teve cinco presidentes diferentes. Atualmente, não tem nenhum. O que temos é um Secretário de Estado de Ciência, Tecnologia, Inovação e Desenvolvimento Social interinamente. É uma crise estrutural”, observa Adalberto Vieyra, diretor do Centro Nacional

de Biologia Estrutural e Bioimagem. Para Vieyra, o que está em jogo é o controle de uma instituição de grande reconhecimento social e capilaridade no interior do estado em ano eleitoral. “A Faperj apoia ações em mais de 90 municípios”, argumenta. “Vemos intenção de transformar isso em celeiro político. Querem garantir pessoas próximas politicamente”.

Pelo estatuto da Faperj, cabe ao seu Conselho Superior a elaboração de lista tríplice para as diretorias a ser encaminhada ao governador. O prazo era 15 de abril, mas o ex-presidente Ricardo Vieiralves pediu uma reformulação nas regras da lista tríplice.

Segundo João Viola, membro do Conselho e pesquisador do Inca, a indicação dos nomes para a lista será em julho. Diante de novo calendário, o Conselho não acatou a solicitação da SBPC, da ABC e de reitores para manter nos cargos os antigos diretores.

O subsecretário de Ensino Superior do governo estadual, Augusto Raupp, compareceu à reunião da Casa da Ciência. Ele negou que o governo esteja desmontando a Faperj.

## OBITUÁRIO

### PROFESSOR ALBERTO LUIZ GALVÃO COIMBRA

Criador da Coppe (Instituto de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia), posteriormente batizada com seu nome

★ 1923 + 2018

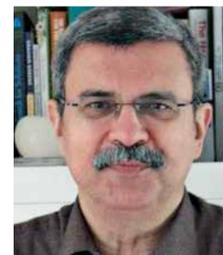


INTERNET

### PROFESSOR FERNANDO JOSÉ CARDIM DE CARVALHO

Economista e professor emérito do Instituto de Economia da UFRJ

★ 1953 + 2018



INTERNET

## COPPE DÁ ADEUS AO MESTRE COIMBRA

Fundador da Coppe, Alberto Luiz Galvão Coimbra morreu na quarta-feira, 16, aos 94 anos. Coimbra foi responsável pelo primeiro curso de pós-graduação de engenharia química no Brasil, que deu origem ao Instituto de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia (Coppe), posteriormente batizado com seu nome. A Reitoria da UFRJ declarou luto oficial de três dias. Nascido no Rio de Janeiro em 1923, Coimbra cursou Química Industrial na Escola Nacional de Química, da Universidade do Brasil, atual UFRJ. Recomendado

pelo professor Athos da Silveira Ramos, cursou mestrado nos Estados Unidos. Na volta ao Brasil, casou-se com a estilista Betty Quadros e lecionou na Faculdade de Engenharia Industrial, em São Paulo. Retornou ao Rio em 1953, para dar aula no Instituto de Química da Universidade do Brasil. Viajou para os EUA em 1960, com o objetivo de entender a estrutura acadêmica americana e implementá-la no Brasil. Até então, ser professor universitário no Brasil era atividade extra e, para ele, a dedicação exclusiva era necessária para transformar o magistério. Em seguida, criou a pós-graduação que deu origem à Coppe.

## REFERÊNCIA NO ESTUDO DE KEYNES

Respeitado economista na linha do pós-keynesianismo, o professor Fernando José Cardim de Carvalho morreu na madrugada de quarta-feira, 16, em Lisboa, aos 65 anos. Lutava contra um câncer. Professor emérito do Instituto de Economia da UFRJ, Cardim era referência no Brasil e no exterior na área de pós-keynesianismo, ligada à contribuição do economista inglês John Maynard Keynes. Formado na USP, fez mestrado na Unicamp e doutorado nos Estados Unidos. Fundou a Associação Keynesiana Brasileira, que

organiza congressos e tem participação ativa nas discussões de política econômica no Brasil. Fábio Neves Perácio de Freitas, professor do Instituto de Economia, lamentou: “É uma perda muito grande. Ele contribuiu para a reformulação do programa de pós-graduação em economia, no campo da teoria macroeconômica, e foi responsável pelo curso de macroeconomia obrigatório, durante anos”. Coordenador do curso, Freitas destacou o papel de Cardim na formação de pesquisadores dentro e fora da UFRJ. O fato de morar em Lisboa não impediu que continuasse colaborando com o IE, mantendo orientações e palestras.